

Universidade Federal de Juiz de Fora

**DIREITOS LGBT E A HETERONORMATIVIDADE: UM
ESTUDO DE CASO DO GRUPO MUDD*SE DA UFJF**

Jéssica Lopes Fachinetto

Juiz de Fora – 2011

Universidade Federal de Juiz de Fora

**DIREITOS LGBT E A HETERONORMATIVIDADE: UM
ESTUDO DE CASO DO GRUPO MUDD*SE DA UFJF**

Jéssica Lopes Fachinetto

Monografia apresentada junto ao curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora, na área de concentração Antropologia como quesito parcial a obtenção do título de bacharel.

Juiz de Fora – 2011

Jéssica Lopes Fachinetto

DIREITOS LGBT E A HETERONORMATIVIDADE: UM ESTUDO DE CASO DO GRUPO MUDD*SE DA UFJF

Monografia apresentada junto ao curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora, na área de concentração Antropologia como quesito parcial a obtenção do título de bacharel.

Data de aprovação: __ de ____ de 20__

Nome do Professor _____ Titulação

Nome do Professor _____ Titulação

Dedico este trabalho aos integrantes do MUDD*Se pela forma gentil como me acolheram e por toda a paciência diante de minhas perguntas: Bruno, Toddy, Linda, Dani, Angelo, Kel, Lara, Luciana, Daniele, Rafael, Thales, Cleiton, Mariana, Alice, Jerônimo e Isaac – e a todos os outros, com muito carinho.

Agradeço a minha orientadora, que dedicou tanta atenção a este trabalho. Aos meus pais e às minhas irmãs, pelo apoio e carinho.

Sumário

I) Introdução.....	7
II) A discussão de gênero.....	9
II. 1) Gênero e geração: A juventude MUDD*Seana.....	13
III) Breve contextualização sobre os movimentos LGBT.....	14
IV) O MUDD*Se.....	21
IV.1) Objetivos do MUDD*Se.....	26
IV.4) Direitos dos Transexuais.....	31
IV.5)“Viado gosta é de festa”?.....	33
IV.6) MUDD*Se e os papéis hierarquizados de gênero.....	35
IV.7) Onde estão os homossexuais?.....	38
IV.8) MUDD*Se e outras instituições: ONGs, professores, Universidade e partidos políticos.....	39
IV.9) Eventos organizados pelo MUDD*Se.....	41
IV. 10) MUDD*Se e a comunidade religiosa.....	48
IV. 11) MUDD*Se: nem esquerda, nem direita.....	50
V) Considerações Finais.....	52
Bibliografia.....	53

l) Introdução

O presente trabalho busca analisar como são construídas as demandas por direitos LGBT¹ por jovens universitários em uma Universidade Pública de Minas Gerais, mais especificamente, como são produzidos e articulados os marcadores sociais de gênero² e geração³ nesse contexto. A pesquisa foi realizada por meio de uma etnografia do Movimento Universitário em Defesa da Diversidade Sexual (MUDD*Se), grupo que luta pelos direitos LGBT na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), fruto de oito meses de observação e participação nas reuniões desse grupo.

Busco analisar as representações sociais que articulam gênero e juventude em um tipo específico de movimento estudantil, observando como as demandas por direitos configuram-se dentro desse grupo e como marcadores de gênero articulam-se a essas demandas. A metodologia a ser utilizada é, basicamente, a observação participante, de modo que participo das reuniões ordinárias do grupo desde abril de 2011. Além disso, acompanho também o grupo de e-mails e a página do facebook do MUDD*Se.

¹ LGBT³ significa Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis e Transgêneros. Frequentemente a sigla é usada suprimindo “3”, mas os três últimos termos continuam implícitos por “T”. Esse é o formato que utilizo aqui.

² Utilizo aqui o conceito de gênero de Joan Scott (1997, p.14-16), que será apresentado na terceira parte deste trabalho: “O gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos. E o gênero é o primeiro modo de dar significado às relações de poder”. Importa, para a análise que será aqui realizada, a fluidez da idéia de gênero, que é relacional. Essa categoria gênero, por se construir na relação com o outro, está em constante transformação. Importa também perceber que há uma hierarquização nas relações que envolvem gênero onde o masculino está ligado a poder, virilidade, ação; e, o feminino, por outro lado, representa passividade, domesticidade, aceitação. Em um rearranjo infinito de práticas permeadas pela dicotomia de apenas esses dois polos antagônicos, o gênero extravasa muito as questões de oposição entre mulheres e homens ou entre gays e heterossexuais. O gênero está em toda a relação em que esses dois polos (passividade/atividade) se opõem. Assim, podemos observar *gendrificação* nas mais diversas relações, como as que se dão entre patrão e empregado, entre países (dominador e dominado), e tantas outras onde essa dicotomia está colocada. Como diz Butler (2003), gênero contém poder e o poder está contido no gênero.

³ A saber, no MUDD*Se todos os integrantes encontram-se em uma faixa etária parecida. O conceito de geração, por sua vez, também adquiriu caráter fluido, dependendo das relações nas quais os indivíduos se inserem. Segundo Debert (2010): “Nas sociedades pré-modernas, a tradição e a continuidade estavam estreitamente vinculadas às gerações. O ciclo de vida tinha forte conotação de renovação, pois cada geração redescobria e revivia modos de vida das gerações predecessoras. Nos contextos modernos, o conceito de geração só faz sentido em oposição ao tempo padronizado. As práticas de uma geração só são repetidas se forem reflexivamente justificadas. O curso da vida se transforma em um espaço de experiências abertas, e não de passagens ritualizadas de uma etapa para outra. Cada fase de transição tende a ser interpretada pelo indivíduo como uma crise de identidade, e o curso da vida é construído em termos da necessidade antecipada de confrontar e resolver fases de crise.”(DEBERT, 2010: p.64)

Quando elaboram suas demandas por direitos, os membros do grupo estão impelidos por algum “senso de justiça”. Segundo Geertz (1997) existe uma multiplicidade de “sensibilidades jurídicas” sendo necessário observar as demandas por direitos para tornar possível a compreensão de tais sensibilidades. Desse modo, busco elucidar quais pretensões de justiça são colocadas em prática no ambiente pesquisado e como os atores organizam suas demandas. Assim, esse trabalho elucidará acerca do senso de justiça que está guiando as demandas observadas, bem como trará pistas das noções de gênero presentes no grupo.

II) A discussão de gênero

Para tentar compreender como diferentes categorias de gênero operam dentro do grupo MUDD*Se é necessário observar como o conceito configurou-se historicamente adquirindo o significado atual. Para os propósitos desse trabalho será suficiente uma breve discussão de algumas das autoras que trataram o tema desde os anos 70, como Henrietta Moore (1997), Joan Scott (1990), Teresa DeLauretis (1985) e, mais recentemente, em uma discussão pós-moderna Judith Butler (2003) e Maria Luiza Heilborn (2009). Antes disso, no entanto, observaremos rapidamente como Margareth Mead contribuiu para a desnaturalização das diferenças comportamentais baseadas no sexo muito antes de o termo “gênero” ser utilizado, ainda nos anos 30.

Margareth Mead (1969) critica as crenças ocidentais de que diversas diferenças manifestas no comportamento de homens e mulheres seriam definidas biologicamente pela natureza dos indivíduos e estariam ligadas ao sexo.

Inatas, essas diferenças constituiriam homens e mulheres de forma universal, de modo que seria descabida a tentativa de agir de maneira diversa e, ainda, poder-se-iam chamar “anômalos”, “doentes”, “deficientes”, os indivíduos que se desviassem desse padrão. No entanto, Mead (1969) demonstra o quão absurda é a idéia de ligar temperamento e órgão sexuais como se houvesse uma relação de causa e consequência (mulher, logo dócil; possui vagina, logo carinhosa). Essa demonstração é feita através do exemplo de determinada cultura onde os indivíduos que nascem com o cordão umbilical enrolados no pescoço são bons pintores. Além de outros exemplos em que a cultura constrói uma ligação arbitrária entre fatos independentes.

Para elucidar que a ligação ocidental de mulher/docilidade e homem/virilidade – e tantos outros comportamentos e características temperamentais ligadas ao sexo – são uma construção arbitrária da cultura, Mead (1969) apresenta-nos outras três sociedades (os Arapesh, os Mundugumor, e os Tchambuli) onde a relação entre sexo e comportamento de homens e mulheres é muito diversa da nossa e muito diversa também entre essas três sociedades. Não necessariamente o comportamento de homens e mulheres é construído em base de oposição (Arapesh e Mundugumor) e quando o é (Tchambuli) as mulheres podem ser inflexíveis e dominadoras e os homens, dóceis e carinhosos, ao contrário da nossa sociedade.

Ao desnaturalizar totalmente as manifestações comportamentais e sua ligação com o sexo, Mead (1969) abre caminho para o estudo de gênero que, algumas décadas mais tarde poderá apoiar-se em “Sexo e Temperamento” para afirmar o caráter arbitrário dos padrões comportamentais de homens e mulheres.

Henrietta Moore (1997) lembra-nos que a idéia de órgão sexual como algo delimitado e acabado é fruto do discurso biomédico nascido no seio da sociedade ocidental. Segundo ela, muitas das vezes em que falamos sobre sexo estamos nos referindo às idéias elaboradas no âmbito da cultura acerca do órgão sexual e aos fluidos ligados a ele (como hormônios), além das crenças sobre como é a melhor maneira de utilizá-los. Isso é apresentado pela autora como “Sexo”, maiúsculo e com aspas, e seria o órgão sexual “enfeitado” pelas crenças a respeito dele. Tal conceito (“Sexo”) é retomado por Moore a partir dos estudos de Yanagisako e Collier, e de estudos de Errington e aprimorado, no sentido de que é Moore quem percebe que o sexo (minúsculo e sem aspas – órgão sexual) é fruto do discurso biomédico, presente na cultura ocidental e, fora dos limites de nossa cultura, existiria apenas o “Sexo”, como será explicado logo adiante. Assim, o “Sexo” seriam as referências ao sexo, o diálogo, as crenças e as práticas que se constroem ao redor do órgão sexual e que acabam por construir socialmente, também, o órgão sexual.

O sexo seria o órgão sexual. “Sexo”, como esse órgão sexual aparece no dia-a-dia; o órgão sexual mesmo, mas fantasiado com as concepções e crenças culturais construídas sobre ele e enxergadas, elas também, como naturais. E o gênero seria, ainda, as práticas, atitudes e sentimentos (não necessariamente ligados ao sexo) desses indivíduos possuidores de sexo – submissão, docilidade, gosto por crianças, ou ainda, virilidade, dominação, etc.

Após esclarecer esses três conceitos, Moore (1985) vai além. Ela percebe que, fora do discurso biomédico, o sexo não existe. Tudo o que existe é o “Sexo”. Desta forma, fica simples entender que tanto sexo quanto gênero são construções sociais. A própria dicotomia natureza/cultura é implodida já que percebemos que não conhecemos (nem poderíamos conhecer ou sequer imaginar) a natureza sem a cultura. Não existe natureza sem cultura. Mesmo porque, ambas se constituem mutuamente e, portanto, a própria natureza é culturalmente construída.

O fim da dicotomia entre sexo e gênero como campos respectivamente pertencentes à natureza e à cultura, bem como o fim da própria separação entre natureza e cultura, abrem caminho para os estudos em que o gênero é percebido como uma categoria fluída, que só pode ser determinada nas relações entre os sujeitos. É esse caráter relacional da significação de gênero que faz com que as identidades deixem de ser fixas. A mulher não é subjugada em todas as situações. Assim, uma “posição feminilizada” é assumida sempre que há subjugação entre indivíduos, independente do sexo biológico de quem está em posição de desvantagem. Isso significa que o poder é, ele mesmo, gendricado. De qualquer forma, a constituição de “masculino” e “feminino” sempre se dá em caráter de diferenciação entre forte e fraco, ativo e passivo. Assim, a identidade dos sujeitos passa a ser múltipla (dependendo da relação na qual estão envolvidos em determinado momento), mas em cada relação, o poder continua constituindo-se de forma relacional e binária (DE LAURETIS,1985). Por isso o conceito de gênero de Joan Scott (1990) é o ideal para dar conta dessa hierarquização entre as duas categorias.

A definição de gênero de Scott (1990) tem duas partes: *“o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”*(SCOTT, 1990).

Segundo a autora, a primeira parte pode ser dividida em quatro subpartes: 1) o gênero inclui os símbolos disponíveis para representar os sujeitos (Scott dá o exemplo como símbolos para mulher: Eva e Maria) que podem ser contraditórios; 2) a segunda subparte refere-se às normas instituídas que definem com precisão o que é ser homem e o que é ser mulher e podem estar presentes na constituição, em regimentos escolares, bíblia, folheto de igreja, etc; 3) a terceira subparte refere-se às instituições sociais e à própria idéia de poder onde existem claras significações de gênero; 4) a última subparte refere-se à constituição psicológica dos indivíduos que se faz a partir das idéias difundidas na sociedade acerca de “o que é ser homem” e “o que é ser mulher”.

Na segunda parte do seu conceito de gênero, como foi dito, Scott diz que “o gênero é o primeiro modo de dar significado às relações de poder” (Scott, 1990). Acerca dessa afirmação podemos pensar em dois pontos principais: Gênero enquanto relação de

poder está presente na família (exemplo: divisão de tarefas entre pai e mãe) – e, ainda nas famílias cujo arranjo não corresponde à representação habitual de pai e mãe esses papéis estão, frequentemente, sendo ocupados de alguma forma. Ou seja, tios, avós, babás frequentemente “exercem o papel” de pai ou de mãe, de modo que a divisão sexual de papéis mantém-se intacta. Por isso, todo o indivíduo, ao nascer vai conviver com essa concepção feminino/masculino desde muito cedo. Por isso, as noções de “papéis” feminino e masculinos seriam tão naturalizadas e tão enraizadas nos indivíduos.

Butler (1990) discute os limites das interpretações da sexualidade na produção do gênero. Ela, assim como Heilborn(2009) compreendem gênero e sexualidade a partir de uma noção foucaultiana, onde a repressão ao sexo é construída historicamente junto com a própria sexualidade⁴ – em uma multiplicação de discursos em diferentes esferas (medicina, biologia, mídia, escola, etc) com progressivo grau de autonomização. Essa fragmentação, acompanhada pela racionalização crescente do mundo e pelo processo de individualização causam uma “fluidez sexual”⁵ onde a escolha do parceiro não pode definir a identidade do sujeitos.

Assim, podemos concluir que a relação de poder é constituinte das relações de gênero (FOUCAULT, 1996). Ou seja, o poder está presente naquilo que consideramos como significados de gênero. É exatamente aí, na construção desses significados, um dos primeiros “lugares” em que o poder (como relação) se exerce, “tomando forma”. (FOUCAULT, 1996)

⁴ “Hipótese Repressiva”: ver Foucault (1997).

⁵ Por “fluidez sexual” quero utilizar a noção de Diamond “*Sexual fluidity*” (Diamond 2007 *apud* Heilborn, 2009) onde podem haver sucessivas trocas de parceiros sexuais de sexo biológico diferentes, afastando ainda mais a possibilidade de construção de identidade a partir do sexo.

II. 1) Gênero e geração: A juventude MUDD*Seana

Em relação ao tema da juventude, importa compreender duas tendências teóricas, sendo uma generalista e outra que tem foco nas experiências diárias dos indivíduos. Há uma clara diferenciação entre essas duas correntes dentro das Ciências Sociais e, como aponta Santos (2011), uma divisão entre autores que aceitam uma espécie de sincronia entre as fases da vida de um indivíduo e sua idade – com forte similaridade entre as juventudes de diferentes gerações, e autores que encaram essas fases a partir das experiências vividas.

A corrente generalista parte da premissa que há uma descontinuidade entre as gerações, e frequentemente aparece associada à noção de uma juventude transformadora, com capacidade de catalisar processos sociais. Assim, é comum que durante momentos em que o cenário político propicie mobilizações sociais – momento ideal para eclosão de movimentos juvenis – essa corrente ganhe força. Foi o que aconteceu, por exemplo, durante os anos 60 e 70 (Santos, 2011).

Em oposição à corrente generalista, os estudos que concebem a juventude a partir das experiências consideram que o simples pertencimento a determinada geração não seria suficiente para pensar o comportamento dos indivíduos. A juventude seria determinada, também, pelo pertencimento a grupos sociais e culturais específicos. (CARDOSO E SAMPAIO, 1995 *apud* SANTOS, 2011: p.42)

Assim, a juventude aparece mais como um processo do que propriamente como uma categoria. Segundo Machado Pais (1990, *apud* SANTOS, 2011: 44) “a juventude é vista em termos de uma sequência de trajetórias biográficas entre a infância e a idade adulta”. Dessa forma, ainda segundo Machado, seria necessário separar “acontecimentos históricos, que pautam a evolução das estruturas sociais, e acontecimentos individuais, que balizam os diferentes percursos constitutivos de uma trajetória biográfica”.

É a partir dessa noção de juventude como *processo* que pretendo analisar o MUDD*Se que, enquanto um grupo universitário, não pode deixar de ser pensado da ótica geracional.

III) Breve contextualização sobre os movimentos LGBT

O movimento homossexual começou no Brasil no final da década de 70, sendo o primeiro grupo atuante em defesa dos direitos homossexuais reconhecido pela bibliografia⁶ o grupo Somos, de São Paulo, que surgiu em 1978. O cenário político era marcado por certa efervescência de demandas sociais, impulsionadas pelo processo de abertura política, durante o declínio da ditadura militar (FRANÇA, 2006: p.41; FACHINNI, 2002). A literatura que trata o tema divide a história dos grupos de defesa dos direitos homossexuais, basicamente, em dois períodos: um anterior e um posterior ao surgimento da AIDS. A “primeira onda” do movimento se estenderia de 1978, ano de criação do Somos, até por volta do ano de 1984, quando foi possível observar uma queda do número de grupos organizados em favor dos direitos homossexuais. Após 1984, a quantidade de núcleos homossexuais continuou baixa, voltando a tornar-se expressiva apenas a partir de 1992, quando o número de grupos participantes das conferências nacionais começou a aumentar exponencialmente (Fachinni, 2002).

Como foi dito, o ano de 1978 é considerado pelos estudiosos o marco do início da “primeira onda” do movimento homossexual brasileiro. Nesse ano, além do surgimento do grupo paulista Somos, ocorreu o começo da circulação do jornal *Lampião da Esquina*, amplamente apontado como um dos precursores do ideário de libertação homossexual (MacRae, 1982 ; Facchini, 2002; FRANÇA,2006). De fato, era o *Lampião da Esquina* o principal responsável pela veiculação de matérias que tratavam a causa homossexual, já que era o único jornal de larga circulação que se propunha a tratar exclusivamente dessa causa.

O *Lampião* foi um instrumento de luta homossexual em várias de suas matérias, trazia argumentos cujo objetivo explícito era persuadir o leitor, primeiro, acerca do caráter não-patológico do relacionamento entre pessoas do mesmo sexo e, segundo, acerca do verdadeiro problema ou “anomalia” da sociedade: o machismo discriminatório sobre o qual repousava a moral dominante.

As elucidações acerca do que era a homossexualidade ganhavam diferentes configurações, dependendo do enfoque dado ao tema, tendo sempre como centro a

⁶ Refiro-me aqui aos trabalhos de Facchini (2002), MacRae (1982) e França (2006).

certeza de o que a homossexualidade não era doença e nem problema. Assim, o Lampião trazia matérias que anunciavam reivindicações no campo social e político:

“...o que LAMPIÃO reivindica em nome dessa minoria [homossexuais] é não apenas se assumir e ser aceito – o que nós queremos é resgatar essa condição que todas as sociedades construídas em bases machistas lhes negou: o fato de que os homossexuais são seres humanos e que, portanto, têm todo o direito de lutar por sua plena realização enquanto tal (Saindo do Gueto, Jornal Lampião, Edição Experimental nº 0, 1978 – Grifos do autor).

O jornal veiculava, de forma explícita e objetiva, acusações ao padrão heteronormativo machista que constituía a sociedade, propondo uma revolução social nesse campo e colocando-se, inclusive, como catalisador de tais mudanças. Além das questões sociais, o Lampião da Esquina veiculava, como já foi dito, informações a respeito da homossexualidade em diversos domínios. Destaco abaixo um trecho do jornal onde o enfoque principal é o ato sexual em si, em uma comparação da vivência da relação sexual, do prazer e da ejaculação para “bichas”, em atos homossexuais; para os machões e para as mulheres, em atos heterossexuais.

“Chega-se assim a uma conclusão: como caricatura da caricatura do que seria um ser humano, o homossexual goza mal; o mesmo ocorre com os machões, que renegam todo o longo caminho que leva ao detalhe da ejaculação; e pior ainda com a mulher, cuja sexualidade foi sempre observada a partir de um ponto de vista estritamente masculino” (O nosso Prazer é melhor? Jornal Lampião, Edição Experimental nº 0, 1978).

Assim, é possível perceber que o jornal não se limitava à luta política, mas configurava-se basicamente em um “guia” para homossexuais e grupos homossexuais, trazendo desde as matérias políticas até reflexões sobre implicações da “opção sexual” (só anos mais tarde o termo foi mudado para “orientação sexual”) em diversos campos da vida dos indivíduos. Além disso, sátiras e matérias descontraídas também podiam ser encontradas. Não era assim, um jornal estritamente político. Tinha sim, muitas matérias políticas mas, no todo, consistia basicamente em um instrumento de criação da identidade homossexual. Fica fácil entender porque o Lampião da Esquina foi tão crucial para a “primeira onda”, cujo principal fenômeno consistiu em forjar uma “maneira de ser” homossexual.

A “primeira onda” do movimento homossexual foi marcada pelo antiautoritarismo e pelo comunitarismo que se estabeleciam em contraposição à ditadura. Além disso, o formato das reuniões era, basicamente, baseado em relatos de experiências pessoais, onde eram expostas idéias acerca da sexualidade e homossexualidade. Esse caráter de “grupo de vivência”, que possuíam as reuniões dos grupos da “primeira onda” foram expostas por Silva (1993), MacRae (1985) e Facchini (2002). No entanto, é preciso ter cuidado com uma possível tendência a classificar os grupos da “primeira onda” como “não-politizados”. Em primeiro lugar, é preciso levar em conta o que era a homossexualidade nos anos 70: uma doença, uma anomalia. Não era possível uma articulação política nos moldes que ocorreu na “segunda onda” sem que antes os indivíduos aprendessem a se conceber enquanto sujeitos de direitos – e não como doentes ou anormais – fato que foi possibilitado pela militância da primeira onda. Para levar isso a cabo, é necessário lembrar que, dentre as reivindicações presentes nos movimentos da “primeira onda” estava a luta pela retirada da homossexualidade da lista de doenças mentais. Em segundo lugar, os grupos da “primeira onda” não podem ser considerados menos politizados do que os da segunda pela diferença da própria concepção de o que é ou não político nas duas épocas, motivo já apontado por Facchini em 2002. Nos grupos que se formaram no contexto do final dos anos 70 e início dos 80, atitudes e modos de vida reiterados nos encontros consolidavam uma identidade homossexual militante o que, especialmente durante a ditadura, era claramente um ato político, que promovia uma revolução comportamental e uma liberação da vivência da sexualidade. Facchini aponta que a mesma lógica era usada pelo feminismo, ao afirmar uma politização do cotidiano através do slogan “o pessoal é político” (Facchini, 2002, p. 83).

Os grupos se constituíam, internamente, através de um processo de homogeneização de identidade e, externamente, através da diferenciação. Nesse sentido, é interessante observar que muitos grupos surgiram da separação de outros, já atuantes. Como exemplo, Facchini (2002) cita o Eros e o Libertos, surgidos de dissidências do Somos no começo de 1979, após um debate sobre movimentos de emancipação de grupos discriminados, promovido pela USP. O debate ocasionou uma aderência de novos integrantes ao grupo, incluindo mulheres, e culminou numa segregação que deu origem a esses dois grupos. Futuramente, em maio de 1980, um processo parecido

dividiria o Somos novamente em três grupos diferentes: O Somos, O Grupo Lésbico-Feminista, posteriormente rebatizado de GALF (Grupo de Ação Lésbico-Feminista) e o Grupo de Ação Homossexualista, que também acabou por ser rebatizado, ganhando o nome de Outra Coisa (Facchini, 2002, p. 69).

Algumas características que estavam presentes no SOMOS e também chegaram a ser observadas em outros grupos eram: a escolha de coordenação rotativa para “preservar a democracia e evitar a cristalização de lideranças”, a busca pelo consenso nas tomadas de decisão, para evitar a criação de uma “ditadura da maioria” interna ao grupo, além da criação, no interior do grupo, de uma comunidade de iguais (Facchini, 2002, p.69). Basicamente, os grupos dessa época encontravam-se em meio a uma polarização entre a militância “de esquerda” e a autonomia frente a partidos.

No I Encontro de Homossexuais Militantes, que aconteceu no Rio de Janeiro em 1979, participaram 50 gays e 11 lésbicas, segundo o Boletim do Grupo Gay da Bahia, sendo que nove grupos estavam presentes: o Grupo Somos, do Rio de Janeiro; o Grupo Auê, do Rio de Janeiro; o Grupo Somos, de São Paulo; o Grupo Somos, de Sorocaba; o Grupo Eros, de São Paulo; o Grupo Beijo Livre, de Brasília; o Grupo Lésbico-Feminista, de São Paulo; o Libertos, de Guarulhos; e o Grupo de Afirmação Gay, de Caxias, além do futuro fundador do Grupo 3º Ato, de Belo Horizonte. As principais reivindicações consistiam na retirada da homossexualidade da lista de doenças mentais e na inserção do ‘respeito à opção sexual’ na constituição (Boletim do Grupo Gay da Bahia, 1993 apud Facchini, 2002 p. 69).

No ano seguinte ocorreu em São Paulo o I Encontro de Grupos Homossexuais Organizados (EGHO) e o I Encontro Brasileiro de Homossexuais (EBHO). Também segundo o Boletim do Grupo Gay da Bahia, compareceram: o Grupo Auê, do Rio de Janeiro; o Grupo Somos, de São Paulo; o Grupo Somos, de Sorocaba; o Grupo Eros, de São Paulo; e o Grupo Beijo Livre, de Brasília; além de representantes do Jornal Lampião (Boletim do Grupo Gay da Bahia, 1993 apud Facchini, 2002).

O II Encontro Brasileiro de Homossexuais (II EBHO) ocorreu apenas em 1984, em Salvador, na Bahia e teve a participação de representantes de apenas 05 grupos, entre eles o Dialogay de Sergipe, o Gathó, o Grupo Libertário Homossexual, O Grupo Gay da Bahia, e o Adé-Dudu, de Salvador (Boletim do Grupo Gay da Bahia,

1993 apud Facchini, 2002 p. 86). Nesse ínterim, ocorreram dois encontros regionais: um no Estado de São Paulo e um no Nordeste.

O ano de 1983 marcou o fim do Grupo Somos bem como as primeiras divulgações a respeito da AIDS, que ocorreu através do grupo Outra Coisa. A partir dessa data é possível perceber uma mudança no cenário da militância homossexual, com a diminuição do número de grupos atuando em defesa dos direitos homossexuais. Para ilustrar esse aspecto, é interessante perceber que a prévia do II EBHO (que, na verdade estava marcado para o ano de 1981, mas foi cancelado, ocorrendo apenas, como foi dito, em 1984), ocorrida em 1980 teve uma participação muito mais ampla do que o II EBHO, ocorrido em 1984. No final de 1980, a prévia do II EBHO, que ocorreu na Casa do Estudante Universitário e teve a adesão de 15 grupos militantes. Três vezes mais do que o número de grupos que participaram do II EBHO em 1984 (Boletim do Grupo Gay da Bahia, 1993 apud Facchini, 2002 p. 72).

A reunião foi marcada por hostilidade entre diferentes facções, como relatado na bibliografia também acerca de todos os outros encontros da primeira onda Silva (1993), MacRae (1985) e Facchini (2002). No relato do *Grupo Gay da Bahia* sobre a prévia do II EBHO ocorrida em 1980, aparece a reclamação explícita acerca de grande parte do tempo da reunião ter sido desperdiçado com acusações e rivalidades – três horas teriam sido gastas apenas para deliberar se o Lamião seria ou não aceito na reunião (Boletim do *Grupo Gay da Bahia*, 1993 apud Facchini, 2002 p. 72).

Uma das tensões que caracterizou os grupos da “primeira onda” está na necessidade de colocar-se num cenário bipolar, permeado por uma dicotomia entre tipos de atuação política. Os dois tipos de atuação não eram mutuamente excludentes nem caracterizados por práticas opostas, mas diferiam especialmente no que diz respeito ao enfoque, ao que era tomado como prioridade. Assim, a possibilidade de atuação dos grupos à época variava entre a militância de esquerda, por um lado, e a luta pela causa homossexual, especificamente, por outro. A militância de esquerda, basicamente, opunha-se a ditadura e lutava por maior espaço para práticas sociais alternativas de modo geral, tendo como foco principal instituir a democracia e diminuir o poder de sanção do Estado sobre o comportamento individual; a luta pela causa homossexual, por

sua vez, teve como enfoque a busca por direitos de bichas e lésbicas⁷, especialmente através da tentativa de reconhecimento, por parte dos homossexuais e por parte da sociedade como um todo, do machismo instituído e do caráter não-patológico da homossexualidade, independentemente da luta de outras minorias, tocando a questão da democratização de forma quase indireta. É importante perceber que ambas as lutas combatiam a ditadura, ambas lutavam pela redemocratização e ambas defendiam os direitos dos homossexuais. A diferença se dava, como foi dito, basicamente em relação às prioridades e ao que era considerado a luta principal. Na militância de esquerda, insisto, lutava-se pela redemocratização sendo o reconhecimento dos direitos homossexuais, juntamente com os de outras minorias, um efeito que necessariamente estaria presente. Na luta pela causa homossexual, buscavam-se os direitos de gueis⁸ e lésbicas, sendo que não seria possível conquistá-los sem, ainda que como efeito colateral, enfraquecer ou combater o governo então instituído. Fica claro assim, o caráter não-excludente desses modelos, passíveis de serem combinados dentro de um mesmo grupo, ainda que, por vezes, tensões e brigas derivassem da distinção entre essas duas visões.

Mais do que isso, é necessário lembrar que essa distinção é feita durante o resgate histórico. A construção de modelos antagônicos, ainda que não excludentes, configurados em “pontos de vista” perfeitos, prontos e acabados pertence apenas ao campo teórico. Muito embora houvessem grupos que se reconheciam como membro de uma ou outra dessas categorias analíticas, muitos grupos e indivíduos não buscavam fazer essa distinção e, freqüentemente, ambos os modelos encontravam-se misturados, em proporções variáveis, em determinados grupos. No entanto, essa distinção é importante porque nos permitirá compreender o que aconteceu após a redemocratização e o surgimento da AIDS, possibilitando também compreender a dinâmica que se instaurou *nos* e *entre os* grupos da “segunda onda”.

Como foi dito, ainda durante a “primeira onda” podemos distinguir grupos cujas práticas estão mais ligadas ao ideário comunista daqueles mais atentos

⁷ Ou de “gueis” e “lésbicas”. O termo “gay” era evitado por alguns grupos, bem como pelo Lampião, pois “americanizava” a luta. Ao preferirem o termo “bicha” ou “guei” os defensores da causa LGBT buscavam configurar um movimento com caráter nacional.

⁸ “Guei” foi um termo utilizado pelo jornal Lampião da Esquina no intuito de não importar o termo “gay” da militância norte-americana.

especificamente à causa homossexual. Facchini (2002), bem como França (2006) e Silva (1993) apontam o *Triângulo Rosa* e o *Grupo Gay da Bahia* como grupos que priorizavam a causa homossexual em detrimento da militância de esquerda, tendo como foco as “maneiras de ser” propriamente homossexuais, as lutas políticas e os dilemas cotidianos daqueles cuja orientação sexual divergia da norma. O Somos, assim como os outros grupos do eixo Rio-São Paulo, são considerados pela autora como mais ligados à esquerda e, portanto, com práticas anti-autoritárias e comunitaristas como centrais na configuração de sua agenda.

Ainda que as fronteiras sejam nebulosas, grande parte dessa diferença é observada também entre a “primeira” e a “segunda onda”, o que levou Facchini (2002) a classificar o *Triângulo Rosa* e o *Grupo Gay da Bahia* como grupos da “primeira onda” que já apresentavam características da “segunda onda”. Em grande medida, foi devido a existência de grupos como o GGB e o Triângulo Rosa que o movimento homossexual não desapareceu ao final da “primeira onda”.

Com a redemocratização, muitos dos grupos existentes em 1981 extinguíram-se espontaneamente, com seus membros dispersando-se aos poucos e as reuniões esvaziando-se com o tempo. De fato, a maioria dos grupos pertencentes à “primeira onda” do movimento, por caracterizarem-se em oposição ao regime ditatorial, ficaram enfraquecidos diante da redemocratização.

Além disso, as primeiras notícias sobre a AIDS desestimularam grupos que reivindicavam maior liberdade e expressão sexual. Assim, o motivo pelo qual teria se dado a queda no número de grupos em defesa dos direitos homossexuais ao final do ano de 1983 e no ano de 1984 seria, por um lado, a democratização do país e, por outro a repercussão das notícias acerca da AIDS.

A “segunda onda” do movimento teria sido marcada pelo fortalecimento da “homossexualidade” como fator gerador de identidades pessoais e coletivas. Os grupos ganharam outra cara e os encontros passaram a discutir muito mais agenda política e muito menos a vida pessoal dos integrantes. O MUDD*Se faz parte da segunda onda e, por isso, tem essas características bem marcadas (FRANÇA, 2006: p.163; FACCHINI, 2002; SILVA, 1993).

IV) O MUDD*Se

O MUDD*Se tem como foco principal o combate à homofobia e às discriminações de gênero e orientação sexual, como ficou claro no preenchimento do formulário REMIGUDDS⁹ – uma das exigências para a participação no processo de seleção de propostas pelo edital produzido pela rede em parceria com a Rede América¹⁰: “O grupo pretende, através de intervenções pontuais, discussões acadêmicas e promoção de eventos, combater as formas de preconceito alicerçadas na heteronormatividade e no sexismo” (Formulário REMIGUDDS, preenchido por integrantes do MUDD*SE em reunião extraordinária em 02 de julho de 2011).

O Movimento Universitário em Defesa da Diversidade Sexual (MUDD*Se) surgiu na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em Minas Gerais, inspirado no Grupo em Defesa da Diversidade Sexual, o GUDDS, que atua na UFMG, em Belo Horizonte. O encontro entre aqueles que viriam a ser fundadores do MUDD*Se com os integrantes do GUDDS deu-se em outubro de 2010, durante a 1ª Semana da Diversidade Sexual, organizada pelo projeto “Educação Sem Homofobia”, orientado por uma professora da UFJF. O MUDD*Se, segundo documento organizado pelos próprios fundadores em abril de 2011, buscava constituir-se como meio de denúncia e divulgação dos casos de preconceito de gênero e orientação sexual dentro do campus universitário, além da promoção de debates sobre o tema, inclusão de travestis e transexuais no meio acadêmico, bem como ações e intervenções em questões que dissessem respeito ao preconceito, à exclusão, à agressão física ou verbal por motivações homofóbicas ou machistas.

As reuniões do grupo só começaram a acontecer efetivamente em abril de 2011, quando registrou-se o caso de agressão de dois estudantes do curso de geografia dentro do campus, por motivações homofóbicas, como foi relatado a mim pelos próprios integrantes. O episódio reforçou a necessidade da abertura desse debate já que ficou explícita a necessidade de conscientização dos estudantes em face de problemas

⁹ A Rede Mineira de Grupos Universitários em Defesa da Diversidade Sexual – REMIGUDDS mudou o nome para RUDDS – Rede Mineira em Defesa da Diversidade Sexual para evitar confusões da rede com o GUDDS – Grupo Universitário em Defesa da Diversidade Sexual – de Belo Horizonte.

¹⁰ “Rede temática criada em 2002 constituída por fundações empresariais e empresas privadas que realizam, direta ou indiretamente, projetos de Desenvolvimento de Base orientados à construção e consolidação de capacidades organizativas em comunidades de escassa renda para contribuir desta maneira para a redução da pobreza nas Américas.” Extraído do site da Rede América em dez 2011.

dessa natureza, pois casos como esses, não raro, acabam sendo considerados de âmbito privado e não de interesse público, algumas vezes por vergonha da vítima outras por serem considerados menores em relação a outro tipo de conflito como furtos e roubos, o que fica claro na fala de um membro do MUDD*Se que cito a seguir: *“O que se nota é que, nesses casos de agressão, o agredido muitas vezes fica mais envergonhado do que o agressor. Essa situação tem que ser invertida e os agressores tem que ser penalizados pelo seu ato.”* (integrante do MUDD*Se, abril 2011).

O MUDD*Se tem como espaço de atuação a UFJF, sendo seus integrantes universitários de diversos cursos como Pedagogia, Comunicação, Direito, Geografia, Psicologia e Matemática, estudantes da UFJF, de outras universidades e até do ensino médio.

O primeiro evento realizado pelo grupo ocorreu no dia 17 de maio, dia nacional de combate a homofobia. A intenção era marcar presença dentro espaço universitário e divulgar a existência do grupo. Assim, o evento incluiu uma mostra de vídeo na cantina do Instituto de Ciências Humanas (ICH), a exibição de um filme com temática LGBT no anfiteatro do ICH e duas mesas de debates, sendo uma sobre violência homofóbica e a outra sobre criação e gestão de centros de referência LGBT. As mesas contaram com a participação de professores da universidade, membros do MGM (Movimento Gay de Minas), ONG juiz-forana que luta pela causa LGBT, incluindo uma transexual, além de membros da OAB. Esse dia ficou marcado na história do movimento como o princípio do MUDD*Se, enquanto grupo.¹¹ Tratarei desses e de outros eventos realizados pelo MUDD*Se de maneira mais detalhada no tópico IV.9 deste trabalho.

Foi durante o dia do Combate à Homofobia que conheci o MUDD*Se e tive meu primeiro contato com alguns de seus integrantes. Foi nesse dia também que decidi, por sugestão e com o apoio de minha orientadora, tornar o MUDD*Se meu objeto de estudo. Assim, ao final da última mesa, fui conversar com uma estudante do curso de psicologia com quem eu já tinha algum contato. Ela me informou o horário das reuniões e deu as instruções para que eu participasse do próximo encontro.

¹¹ O evento do dia 17 de maio de 2011 foi descrito como a consolidação do grupo por uma das integrantes, diante dos outros membros, em uma das primeiras reuniões que frequentei.

A partir de então, passei a frequentar todos os encontros do movimento, acompanhando as atividades desenvolvidas. Após o evento do dia 17 de maio, ocorreu também a participação de membros do MUDD*Se, responsáveis por representar o grupo, na mesa do congresso da Associação Nacional dos Estudantes-Livre (ANEL), ligada ao PSTU, que ocorreu no Rio de Janeiro. O grupo participou também do pré-congresso da ANEL, na cidade de Juiz de Fora, vinte dias antes do evento no Rio.

Além disso, o grupo foi responsável pela organização da I Conferência Municipal LGBT de Juiz de Fora e planejou a II Semana da Diversidade Sexual da UFJF. O MUDD*Se também apoiou o MGM na organização do 14ª Rainbow Fest¹² de Juiz de Fora, evento com grande visibilidade, que torna a cidade reconhecida nacionalmente como local onde o movimento gay tem ampla expressão. Todos os eventos serão tratados em seguida, no tópico IV.9 deste trabalho.

Além de eventuais apoios de instituições como o MGM, ABRAPSO, UFJF, DCE, FUNALFA, ANEL; o grupo ainda conseguiu a aprovação de um projeto enviado para um edital lançado pela REMIGUDDS (Rede Mineira de Grupos Universitários em Defesa da Diversidade Sexual), com financiamento da Rede América, que permitiu alguma autonomia financeira ao movimento. Assim, além dos eventos acima destacados, o MUDD*Se também mandou representantes para o II pré-ENUDES (Encontro Nacional Universitário de Diversidade Sexual)¹³, que ocorreu em Viçosa/MG no mês de agosto. Cabe salientar que um estímulo importante à participação do MUDD*Se nesse evento foi o fato de que, junto ao II pré-Enuds ocorreu o encontro de capacitação REMIGUDDS, cuja participação era uma das exigências para o recebimento da verba disponibilizada pelo edital.

Foi durante as reuniões regulares do grupo que mais acompanhei os integrantes do movimento. Elas aconteciam semanalmente no Instituto de Ciências

¹² O Rainbow fest é um festival com duração de uma semana que inclui diversos eventos. Em 2011, ocorreu o I Simpósio de Sexualidade e Direito; o I ENGAIDS (Encontro Nacional de Gays e HSH); a 9ª Parada da Cidadania e do Orgulho Gay de Juiz de Fora, que fecha duas importantes avenidas da cidade para dar espaço a trios elétricos, tendo forte apelo popular; e a I Conferência Municipal LGBT da cidade de Juiz de Fora, organizada pelo MUDD*Se; além de atividades culturais, que geralmente incluem DJs, apresentações e shows em festas que encerram as atividades do dia. Outro evento importante que está contido no Rainbow fest é a etapa nacional do Miss Gay, onde vencedoras de vários estados viajam para desfilar em Juiz de Fora.

¹³ O II Pré-ENUDES antecedeu o 9º ENUDES, marcado para acontecer em novembro, na Universidade Federal da Bahia (UFBA) – e posteriormente remarcado para fevereiro de 2012.

Humanas (ICH) da UFJF e tinham como prioridade o planejamento e a organização de: (1) participação em eventos promovidos por outras instituições, como o Pré-Congresso e o Congresso da Anel, o pré-ENUDS e o ENUDS, citados acima; (2) apoio à outras instituições na organização de eventos, como o 14º Rainbow fest; (3) eventos próprios, pensados e desenvolvidos inteiramente pelo MUDD*Se, podendo ter ou não apoio de outras instituições, como foi o caso do Dia de Combate à Homofobia, da I Conferência Municipal LGBT e da II Semana da Diversidade Sexual. Diante do imperativo de cumprir prazos e tomar decisões, muitas reuniões extraordinárias também foram organizadas pelos integrantes. Durante as férias de julho, que antecederam a I Conferência Municipal LGBT, foram divididos grupos de trabalho, de modo que as atividades ocorriam todos os dias da semana, de segunda a sexta, geralmente na sede do MGM. Ao final de cada dia, os integrantes enviavam ao e-mail do grupo um relatório com o que havia sido feito e o que deveria ser realizado no dia seguinte. Os finais de semana eram usados para reuniões gerais e balanço das atividades, além de discussões acerca da preparação para a I Conferência.

No que se refere especificamente a minha pesquisa de campo, destaco que acompanhei ao longo do ano de 2011 – desde maio – o desenvolvimento das atividades supracitadas e fiz uma análise da configuração que as demandas por direitos ganham no MUDD*Se, procurando observar também as representações de gênero que se articulam dentro do grupo. Assim, analiso as questões presentes nas reuniões bem como nos documentos elaborados pelo grupo na busca por direitos, procurando perceber quais “sensibilidades jurídicas” (GEERTZ, 1997) estão operando nesse ambiente, bem como a produção dos marcadores sociais de gênero e geração.

A partir daí será possível também analisar as concepções de homem, mulher, lésbica, gay, bissexual, transexual e travesti desses atores: como eles entendem e produzem os significados desses termos, em que medida eles são superados e de que forma são articulados. Ou seja, não como uma posição identitária fixa, mas como posições fluídas que operam na experiência cotidiana dos membros desse grupo. Porém, aparecem, paradoxalmente, confundidas no discurso político e de direitos que insiste necessariamente em delimitar e fixar essas identidades. Em outras palavras, buscarei

entender como os membros do MUDD*Se travam a luta por direitos para a comunidade LGBT ao mesmo tempo em que operam com categorias de entendimento *gendrificadas* e lidam com a disseminação de representações estereotipadas dessas categorias.

Felizmente, será possível enriquecer minhas análises a partir de uma comparação do MUDD*Se com o movimento estudantil produzido no Diretório Central dos Estudantes (DCE) da mesma universidade, graças ao trabalho de Maria Fernanda Teixeira dos Santos (2011). Maria Ferndada tem como foco a participação das mulheres no DCE da UFJF, de modo que será possível, inclusive, uma breve comparação das categorias de gênero e dos discursos produzidos nos dois âmbitos.

IV.1) Objetivos do MUDD*Se

A necessidade de políticas públicas de educação esteve em pauta durante toda a trajetória do MUDD*Se, sendo também abordada nos debates do dia 17 de maio e incluída no projeto da II Semana da Diversidade Sexual, aprovado pela comissão REMIGUDDS:

*“No segundo [dia da II Semana], pretende-se realizar a apresentação de trabalhos científicos do município e uma mesa de debates acerca da relação entre educação e homofobia. No terceiro, o grupo almeja fazer (...) uma oficina sobre uma ferramenta paradidática (jogo “E aí?”) [que promove a inclusão dos membros LGBT por parte do restante da sociedade]” (Formulário REMIGUDDS, preenchido por integrantes do MUDD*SE em reunião extraordinária em 02 de julho de 2011).*

O jogo “E aí?” acabou não sendo utilizado durante a II Semana da Diversidade Sexual porque os membros do MUDD*Se não quiseram repetir a exposição já realizada na I Semana, em 2010. De qualquer forma, o jogo ficou de lado, mas ainda seria usado caso alguma mesa precisasse ser desfeita por ausência de algum convidado.

Na primeira reunião que frequentei, no dia 24 de maio, foi colocada em discussão a necessidade de promoção de palestras sobre doenças sexualmente transmissíveis em escolas do município. Uma das integrantes do grupo, que atua na área da educação, relatou o caso de um menino portador do vírus HIV que feriu-se na escola em que ela trabalha. Segundo a integrante, o menino demorou a ser socorrido devido, aparentemente, a um receio dos funcionários de entrarem em contato com o sangue do estudante. Os integrantes do MUDD*Se, de modo geral, pareceram atentos à questão e ficou decidido que as palestras seriam desenvolvidas. No entanto, o acúmulo de compromissos e o tamanho limitado do grupo impôs uma priorização de tarefas que acabou por excluir as palestras da agenda do grupo e dar lugar às atividades que pudessem reafirmar a presença do MUDD*Se no espaço universitário. Grosso modo, pode-se observar uma resposta do grupo à necessidade de unir forças em organização de eventos para a demarcação do espaço do grupo dentro da Universidade e junto a outros grupos LGBTs da cidade, em detrimento da promoção de atividades em locais isolados.

*“Promover cidadania e respeito entre cidadãos e cidadãos **na universidade** sobretudo no que tange a sua orientação sexual e identidade de gênero. (...) Combater as formas de homofobia institucionalizada.”* (Integrantes do MUDD*Se preenchendo o tópico “objetivos do MUDD*Se” ao elaborar o estatuto do grupo durante a reunião de 17 de setembro de 2011; grifo meu).

De modo geral, pode-se dizer que os objetivos centrais do próprio MUDD*Se já constituem-se como desdobramento da necessidade de colocar as questões LGBT em pauta dentro das instituições de ensino. Para além disso, o MUDD*Se foi criado com o objetivo de constituir-se como espaço de debate, mas também como instituição de amparo à indivíduos que houvessem sofrido preconceito por orientação sexual dentro da UFJF. Assim, além do objetivo propriamente didático dos debates, o grupo busca combater o preconceito manifesto dentro da instituição de ensino. Quero dizer, desse modo, que mais do que o debate acerca da educação presente nas reuniões do grupo, podemos dizer que ele próprio constitui-se como reflexo da necessidade, percebida pelos integrantes, de atenção à causa LGBT dentro dos institutos de ensino.

IV. 2) A organização interna do MUDD*Se: horizontalidade

Em relação à organização do grupo, eu pude acompanhar uma mudança sutil, porém significativa, durante o tempo em que estive com o MUDD*Se. Quando comecei a acompanhar as reuniões, os membros pareciam gostar de enfatizar que, ali dentro, todos eram iguais, todos tinham voz, e não haviam hierarquias:

“Da próxima vez espero que todos deem entrevista. Eu dei sete. To meio acessor de imprensa, mas é importante que todos deem entrevista senão fica parecendo que eu sou diretor ou algo assim. E aqui a gente é todo mundo igual” (Integrante falando sobre o dia 17 de maio, na reunião do dia 24 de maio de 2011.).

Com o tempo, no entanto, a necessidade de hierarquia, com a eleição de uma diretoria e a criação de regras claras surgiu e ganhou força. Dessa forma, na reunião do dia 27 de agosto *“Discutiu-se a necessidade da **elaboração de um estatuto**, [que] ao invés de [ter] uma presidência exercida por um único membro, (...) teria uma **diretoria** composta por três membros e de caráter rotativo”* (Ata de 27 de agosto de 2011, digitada por integrante do MUDD*Se – grifos dele).

Já na reunião seguinte, no dia primeiro de setembro, destacou-se a necessidade de um mínimo de presença nas reuniões para que o integrante tivesse poder de voto, um sistema de duas advertências antecedendo a exclusão de membros *“que executarem atos considerados inapropriados e/ou prejudiciais ao grupo”*, além da votação de uma *“diretoria composta por três membros para **manter o sistema de horizontalidade** no grupo”* (Ata de 01 de setembro de 2011 digitada por integrante do MUDD*Se, grifos dela)¹⁴.

¹⁴ Longe de dizer que o processo de hierarquização é unidirecional e permanente, apenas a pontuo um fenômeno que presenciei. Na reunião do dia 19 de novembro, ouvi o seguinte comentário: “Acho que devemos largar esse estatuto para lá”, que teve boa aceitação entre os membros. Tal ideia, até a presente data, não teve nenhuma aplicação prática e exponho-a aqui apenas para deixar claro que o movimento de hierarquização não é uma tendência permanente, fixa.

IV.3) Demandas por direitos e a fluidez das categorias: análise dos casos observados

Podemos compreender de forma mais detalhada como a premissa de luta pelos direitos LGBT e combate ao preconceito ganha contornos específicos no campo prático e político quando analisamos propostas específicas dentro de diferentes áreas como saúde, segurança pública, direitos civis, educação e combate à homofobia institucionalizada. Essas propostas foram discutidas e sistematizada pelos integrantes do grupo, em conjunto com membros da sociedade civil, durante a I Conferência Municipal LGBT da cidade de Juiz de Fora, promovida pelo MUDD*Se.

O grupo buscou o apoio de vereadores e funcionários públicos para fomentar a aprovação o Decreto Municipal nº 10.865, que convocaria a conferência. Além disso, o MUDD*Se teve o apoio da ONG Movimento Gay de Minas¹⁵ (MGM) para a realização da conferência, sendo que a maioria dos encontros para organização desse evento ocorreram na própria sede do MGM. O período que antecedeu a I Conferência Municipal foi, como já mencionei anteriormente, o de trabalho mais intenso do grupo, de modo que as atividades eram desenvolvidas diariamente e os finais de semana utilizados para reuniões e debates. A conferência, ocorrida nos dias 15 e 16 de agosto de 2011, promoveu o debate sobre diversas questões LGBT. Durante a conferência, foram sistematizadas medidas a serem tomadas pelo poder público em varios setores, no sentido de minimizar as injustiças sofridas pela comunidade LGBT. Falarei mais dessas mediadas logo adiante.

Durante as reuniões os integrantes do grupo se dispõem de forma variável. Quando conseguem uma sala vazia, geralmente sentam em roda mas, quando ficam na praça central da Universidade (ágora), agrupam-se de forma aleatória, de acordo com a sombra, local para sentar, geralmente dispostos de forma equidistante a pessoa que está com o notebook ou caderno de anotações para a formulação da ata. São tratados, basicamente, assuntos burocráticos, de preenchimento de formulários, envio de projetos a órgãos de financiamento e organização de eventos. Esse formato condiz com o que a

¹⁵ O Movimento Gay de Minas é uma ONG com forte expressão em Juiz de Fora. Segundo o site do movimento: *“Fundado em 2000, O MGM [é] reconhecido como uma das ONGs mais atuantes dentro do movimento GLBT e movimento Aids brasileiro.”* Extraído de <<http://www.mgm.org.br/>> Acessado em dezembro de 2011. Segundo o mesmo site, o MGM participou ativamente da promulgação da Lei Rosa (lei municipal nº 9.791) que pune a discriminação contra orientação sexual.

literatura apresenta, já que as reuniões como “grupo de ajuda”, onde os indivíduos apenas partilham experiências, teriam deixado de existir ao final da primeira onda.

Com a reunião circunscrevendo, basicamente, assuntos burocráticos, as noções acerca do que é ser homem, mulher, gay, lésbica, bissexual, transexual, etc, aparecem de forma pontual, em momentos isolados. De qualquer forma, durante o tempo que estive com o grupo pude perceber que, como aponta a literatura, há uma tendência à reprodução de valores impostos pela heteronorma, demarcando posições identitárias e suas relações hierárquicas como fixas, tal como fica claro na fala de dois dos membros do MUDD*SE, ao olhar uma foto:

*“- Esse menino é hetero?! Não é possível! Ele tem a maior pinta”. – Diante disso, outro membro responde: “Mas a idéia não é exatamente desconstruir essas coisas, gente? Não é porque tem jeito que é.” E o primeiro continua: “Mas não é jeito, é cheiro.” Muitos integrantes presentes concordam que o “cara” em questão “tem que ser viado”! “Não é possível”. “As pessoas que têm cheiro mas não têm jeito me incomodam. Eu fico encarando [elas] para tentar entender.” (Integrantes do MUDD*Se. Reunião do dia 03 de dezembro de 2011).*

Tal tendência a reprodução da heteronorma combinada à luta por desconstrução de estereótipos leva os integrantes a operar sempre em um ambiente ambíguo, incorrendo frequentemente em contradições.

IV.4) Direitos dos Transexuais

Os direitos dos transexuais são abordados pelo MUDD*Se já desde o dia 17 de maio, onde uma transexual teve espaço na mesa de debates. É possível observar também que, no documento elaborado pelos fundadores ainda em abril de 2011 a necessidade de “inclusão de travestis e transexuais no meio acadêmico”¹⁶ ganhou destaque. Durante a II Semana da Diversidade Sexual, que ocorreu na UFJF entre 08 e 11 de novembro de 2011, questões relativas à transexualidade também ganharam destaque, sendo a mesa de abertura composta unicamente por transexuais: duas trans mulheres e um trans homem¹⁷. João Nery, primeiro transexual masculino brasileiro, compôs a mesa de abertura ao lado das duas mulheres. Após a mesa, a II Semana da Diversidade Sexual contou ainda com o lançamento do segundo livro autobiográfico de João Nery, “Viagem Solitária – Memórias de um transexual trinta anos depois”, em que o autor reconta sua história desde que ainda era Joana e conta em detalhes muito sobre sua vida, inclusive sobre a paternidade.

De fato, o tema da transexualidade parece ganhar crescente destaque e, na reunião ordinária do MUDD*Se do dia 23 de novembro, quando os integrantes do grupo decidiram refletir sobre as atividades para o próximo ano, foi colocado que esse tema ganhará foco em 2012. A recente centralidade do tema na luta LGBT tem por base a tentativa de despatologização da transexualidade que, segundo um dos integrantes do MUDD*Se, fará parte da agenda do movimento LGBT em âmbito internacional em 2012, como foi sublinhado em reunião com outros membros da RUDDS – Rede Mineira em Defesa da Diversidade Sexual.

A tentativa de superação da transexualidade enquanto mazela social e uma reconfiguração do termo como uma condição saudável aparece em várias falas dos integrantes do MUDD*Se, como quando uma integrante diz, durante o planejamento da mesa trans da II Semana da Diversidade Sexual que

“História triste de trans a gente não quer. A gente não quer nada de ‘coitadinha, ela é trans’ porque sofrer todo

¹⁶ Formulário REMIGUDDS, preenchido por membros do MUDD*Se, em reunião extraordinária em 02 de julho de 2011

¹⁷ Na convenção corrente, o termo que vem após o trans indica o sexo atual do indivíduo. Assim, trans mulher significa que o indivíduo nasceu homem. Na mesa em questão, no entanto, uma das trans mulheres havia nascido com hemafroditismo.

mundo sofre.” (Integrante do MUDD*Se durante a reunião de 11 de outubro de 2011).

Essa negação da vitimização dos transexuais é constantemente reiterada quando o assunto da transexualidade é tratado. João Nery, em sua fala durante a II Semana da Diversidade tocou nesse ponto diversas vezes. No entanto, a dificuldade de compreensão dessa questão por parte da população e de outros setores da sociedade também chamou a atenção dos integrantes. Sobre as publicações acerca da II Semana da Diversidade na mídia, um membro do MUDD*Se comenta:

*“Senti vergonha ao ler algumas matérias. O João bateu tanto na tecla do problema dos rótulos, do problema de considerar o travesti um doente, e teve jornalista escrevendo sobre ‘homossexualismo’, ‘travestismo’. Horrível.”*¹⁸ (Integrante do MUDD*Se durante a reunião de 19 de novembro de 2011).

¹⁸ Para compreender a indignação do mudd*seano é necessário recordar que o sufixo “ismo” denota doença, motivo pelo qual se usa “homossexualidade”, e não “homossexualismo”.

IV.5)“Viado gosta é de festa”?

Com a comunidade de Juiz de Fora e com a comunidade acadêmica, especialmente a de homossexuais, pude perceber uma constante inquietação com um problema muito apontado pelos integrantes do grupo: segundo eles, a grande maioria das pessoas com práticas sexuais estigmatizadas recusa-se a militar e, pior ainda, a debater o assunto dentro da academia. De acordo com eles, a promoção de festas tem público garantido. Debates e palestras, por outro lado, permanecem constantemente esvaziados: de fato, durante o planejamento da II Semana, quando pensavam acerca de quantos cartazes deveriam imprimir para a divulgação – da semana, do lançamento do livro do João Nery, e da festa de encerramento – alguém sugere que se imprimam muitos da II Semana e poucos do lançamento do livro e da festa de encerramento (o lançamento do livro já estaria, na verdade, divulgado no cartaz das palestras). E então, um outro membro responde: “*Acho que devia imprimir muitos da festa também gente. Porque não adianta! Viado gosta de festa*” (Integrante durante a reunião de 29 de outubro de 2011).

Na reunião do dia 05 de junho alguém comenta sobre o desinteresse dos universitários em relação às palestras: “*Eles comparecem só às festas.*”. E outro integrante complementa, em tom de lamento: “*Muitos realmente não têm interesse pelas palestras.*”. Muitos outros exemplos poderiam ser dados a esse respeito. Acredito que a noção de que os universitários fogem de palestras e buscam festas esteve presente em muitas reuniões. Na reunião do dia 16 de julho, alguém sugere que a I Conferência Municipal pelos direitos LGBT deveria ser feita na semana da Parada Gay, já que nesse momento a cidade está cheia de turistas sensíveis à causa. Diante disso, alguém responde:

*“Não adianta. As pessoas vêm só para festa. É muito difícil mobilizar politicamente os homossexuais que vêm pela festa.” (Integrante do MUDD*Se, reunião de 16 de julho de 2011.)*

A absorção dos termos pejorativos (como viado e sapatão) e sua resignificação pelos membros do movimento, já descrita por Facchini em 2002, foi observada. A noção de que esses termos podem ser empregados dentro do movimento sem a conotação pejorativa, mas ainda têm caráter ofensivo quando expressos por alguém de fora, mostrou-se clara para integrantes do MUDD*Se, como explicita a

seguinte fala de uma integrante, quando perguntei sobre os motivos de uma famosa transexual da cidade estar apreensiva sobre fazer show durante a II Semana da Diversidade, na UFJF: *“Em ambiente hetero ela tem muito medo de ser vaiada. E dá pra entender, né? Em ambiente gay se você ouve um xingamento você sabe que é piada interna. Em ambiente hétero você vê que o pessoal reprova mesmo.”*. Longe de dizer que não há conflitos dentro da comunidade gay, fica claro que noções estigmatizantes estão presentes em ambos os ambientes, mas com significações diferentes.

IV.6) MUDD*Se e os papéis hierarquizados de gênero

Como já expus anteriormente, os papéis hierarquizados de gênero são constitutivos de nossa maneira de interpretar o mundo, estando a heteronorma profundamente arraigada aos indivíduos (SCOTT, 1997; De Lauretis, 1985). Dessa forma, os integrantes do MUDD*Se, enquanto indivíduos que por um lado se dispuseram a lutar contra essa norma e, por outro, foram criados no seio de uma sociedade machista, homofóbica e excludente, também acabam, em diversos momentos, reproduzindo os padrões sexuais estabelecidos e incorrendo em contradições.

Um exemplo é a expressão da noção de que lésbicas – já que mulheres – teriam uma vida marcadamente doméstica. Na reunião do dia, comentava-se que, ao ir a bares, boates e shows, muitos gays podiam ser encontrados, mas poucas lésbicas. Nesse momento um dos integrantes diz:

“Claro. Isso porque, quando começam um relacionamento sério, dois gays passam a sair juntos. Duas lésbicas, ao contrário, viram ambas donas-de-casa.”; Diante disso, outra integrante completa: *“É. Também porque, se sair, arruma barraco.”*; E o primeiro continua: *“Depois termina, fica dois meses em depressão e aí volta ‘com tudo’ para as festas.”* (Diálogo entre dois mudd*seanos na reunião do dia 03 de setembro de 2011).

Aqui fica claro que uma lésbica não está liberta da condição de possessiva, ciumenta, barraqueira. Em suma, uma lésbica, em sua condição de mulher, está ligada aos mesmos estereótipos de “pertencente ao ‘campo da natureza’”, já que age com os sentimentos e não com a razão, faculdade marcadamente masculina. Se, de fato, existir uma tendência para que as lésbicas tenham ciúmes e armem barracos, não devemos simplesmente concluir que os comentários dos mudd*seanos “estão corretos” acerca delas. Especialmente porque esse não é o objetivo deste trabalho. Devemos refletir, antes, que, (1) em alguma medida, essas lésbicas estão sendo constituídas assim como todas as outras mulheres: elas constituem-se psicologicamente, ao longo da vida, tendo por base a noção de que mulher “é mais sensível” e, em grande medida, absorvem essa noção e constituem-se a partir dela. Esse é o quarto subponto do conceito de gênero de Scott (1997), já citado: *“refere-se à constituição psicológica dos indivíduos que se faz a partir das idéias difundidas na sociedade acerca de ‘o que é ser homem’ e ‘o que é ser mulher’”* (SCOTT, 1997, p.14-15). Devemos refletir também que (2) embora o objetivo

do MUDD*Se seja contestar essas naturalizações, muitas vezes elas acabam caindo novamente em uma naturalização, baseada na observação do comportamento dos indivíduos – que “é” de determinada maneira.

Em outro momento, uma integrante falava com outra, que tentaria apoio de uma instituição: *“Quando você for [lá] vai bem ‘Pirigueti’ porque lá tem um velho babão que quando eu fui lá ficou olhando pro meu decote. Que raiva!”* (Reunião do dia 29 de outubro.). Nesse momento a integrante apresenta um descontentamento com a situação feminina, mas busca tirar vantagem dessa condição. Ambiguidades desse tipo, como venho sublinhando nesse texto, são vividas a todo o momento pelos integrantes.

Além disso, houve um momento que uma das integrantes, ao defender a necessidade de os homossexuais, inclusive cantoras, lutarem pela defesa de seus direitos, disse: *“Mulher que canta na noite é sapata, cara, 90%. É hora de nego levantar e defender uma bandeira. Correr atrás.”*

Sem dúvida, essa é uma noção que confirma a noção estereotipada de mulher: se ela canta na noite, deve haver “algo errado”.

Pude perceber, também, uma percepção de maior “vigilância social” quanto à heterossexualidade de homens do que de mulheres, no intervalo de uma reunião quando uma integrante do GUDDs, em visita na reunião do grupo MUDD*Se, foi descrita como heterossexual e disse: *“Eu sou mais ou menos. Porque minha sexualidade é hetero, mas minha identidade não”*. Diante disso, um membro do MUDD*Se, também hétero responde: *“se eu tento explicar isso para as pessoas, todos acham que sou viado”*. Essa passagem é interessante também porque permite ver a clara separação, feita pela integrante do GUDDs, entre identidade e sexualidade, demonstrando que o problema analisado pelos militantes vai muito além do preconceito contra homossexuais, mas está na própria noção de vincular uma identidade fixa à orientação sexual.

Brincadeiras e chacotas com as representações de heterossexualidade também fizeram-se presentes: é costume dos mudd*seanos levar a bandeira da diversidade às reuniões. Em determinado momento um dos membros pegou a bandeira e colocou ao redor dos ombros e, fazendo uma expressão séria, com o nariz empinado disse: *“Olhem só como eu esbanjo heteronormatividade”*. E, depois, colocou a bandeira

ao redor da cintura, como se fosse uma saia. Diante disso, alguém falou: “*Vá lavar a louça.*” Colocada como saia, a bandeira remetia à figura feminina e, logo foi possível ouvir uma alusão às tarefas domésticas – lavar a louça – ainda tida como uma tarefa “para mulheres”.

Outra crítica jocosa a padrões heteronormativos ocorreu durante a festa da II Semana da diversidade quando um homem teria molestado sexualmente (“passado a mão” na bunda de) uma das integrantes. Quando ela percebeu o que tinha acontecido ficou indignada e disse: “*Aquele cara me passou a mão*”. Ao ouvir isso, um integrante do grupo inflou o peito e, abrindo um pouco os braços (para parecer “fortinho”) foi na direção do rapaz, dizendo: “*Qual é? Tá mexendo com a mulher dos outros?*”.

Não presenciei esse momento. Tal história foi contada a mim pelos integrantes do grupo na reunião seguinte. Ao perguntar ao integrante o que o rapaz teria respondido ele diz: “*ele nem ouviu, não*”.

Ao apontar momentos em que os estereótipos de gênero estão presentes entre os membros de um grupo que luta pela diversidade sexual, não pretendo, de maneira alguma, exprimir nenhum tipo de crítica aos mudd*seanos mas, muito pelo contrário, demonstrar as dificuldades nas quais é comum se incorrer (também de acordo com a literatura) quando da tentativa de combater categorias há muito naturalizadas na própria sociedade.

Além desses momentos de inversão e de apropriação das noções da heteronorma pude observar diversos momentos em que os integrantes do MUDD*Se combatiam explicitamente as perspectivas machistas presentes na sociedade.

Certo dia, após uma das reuniões, eu caminhava ao lado de duas professoras da educação infantil, membros do MUDD*Se, quando comentávamos acerca do irmão de uma terceira integrante que, ainda bebê, seria “*muito fofo*”. Falo com elas que terei uma (um) sobrinha(o), mas ainda não sei o sexo e que gosto muito de meninas. Diante disso, uma delas responde: “*Xii, menino é muito mais legal. Você vai ver se seu sobrinho for menino. É muito mais legal para brincar. Menina é muito ‘cachorrinho de madame’. Menina é muito chato.*” Então, pergunto: “*Penso que deve ser difícil lidar com essas coisas em sala de aula. Como vocês fazem?*”; E uma delas responde: “*Bem, eu lido da seguinte forma: da porta pra dentro é todo mundo igual e a criança pode*

escolher qualquer brinquedo. O problema é que, muitas vezes, elas mesmas já aceitaram a idéia de quais são os brinquedos com os quais podem brincar. E volta e meia aparece um pai, reclamando porque ‘meu filho ta brincando com uma boneca’”. A outra completa: “O que o pai tem que entender é que, da porta pra dentro, pai ‘não apita nada’”.

IV.7) Onde estão os homossexuais?

Houveram ainda, momentos em que os integrantes do MUDD*Se demonstraram acreditar que os homossexuais praticam atividades marcadamente diferentes dos heterossexuais. Um exemplo foi uma fala que presenciei no dia 11 de outubro, quando acontecia uma conversa sobre como noções estereotipadas de gênero (palavras minhas) são um problema durante as aulas de educação física: “*A FAEFID¹⁹ é muito distante da gente*”. Ao que outro membro responde: “*Muito!*”, e a primeira continua: “*É! Lá tem muita sapatão homofóbica. Muita! Muita mesmo. Ô lugar pra ter sapatão homofóbica! Se eu levanto uma bandeira lá nego [não gosta]*” E a outra continua, em tom jocoso: “*Numa sala com 20, 22 são lésbicas*”.

Além disso, houve um outro dia em que escutei uma fala, acredito, bastante significativa a esse respeito, quando um dos membros disse que, no curso de agronomia (de Lavras), não costuma “*dar viado*”, ou seja, não existem muitos homossexuais.

O preconceito contra os homossexuais também estaria concentrado em determinados lugares. Isso pode ser observado na seguinte fala de um integrante do MUDD*Se, quando estava em pauta o local da II Semana da diversidade e alguém sugeriu que o evento fosse feito na faculdade de engenharia: “*Aí a gente apanha*” (Integrante do MUDD*Se durante a reunião de 02 de julho de 2011). Percebe-se que os integrantes do MUDD*Se consideram o curso de Engenharia como local onde o preconceito está presente.

¹⁹

IV.8) MUDD*Se e outras instituições: ONGs, professores, Universidade e partidos políticos

A interface com outras instituições perpassou todos os momentos do grupo e, por isso, descreverei algumas de suas questões aqui de forma muito breve: basicamente, o grupo tem relações com professores da Universidade; com a ABRAPSO – Associação Brasileira de Psicologia Social; com o MGM; com o Diretório Central dos Estudantes (DCE) e com a própria UFJF que, além de ceder espaço para o dia 17 de maio e para a II Semana de Diversidade Sexual, esteve representada pelo professor Marcelo Dulci, pró-reitor de extensão, na mesa de abertura da II Semana da Diversidade Sexual.

É claro que não poderia deixar de haver tensões, ainda que eventuais, entre o MUDD*Se e outras instituições. Com os professores, bem como com o MGM as tensões deram-se basicamente pela independência que o grupo buscava adquirir: uma professora frequentemente dava sugestões sobre as atividades a serem realizadas e fazia cobranças, chegando, algumas vezes, a chamar a atenção de alguns dos integrantes. Se por um lado, as intervenções eram bem aceitas, já que muitos dos mudd*seanos reconheciam a capacidade e autoridade da professora, por outro, eventuais ressentimentos, relativos a, segundo os membros, um não reconhecimento de seu esforço, puderam ser observados.

Em relação ao MGM, o que havia era, em grande medida, um receio de que o MUDD*Se fosse subsumido e invisibilizado, já que a ONG há muito é conhecida por sua força nas lutas LGBT. Tal receio nunca pareceu ser maior do que o sentimento de parceria e cooperação que fizeram com que integrantes dos dois grupos se aproximassem e, em grande medida, se confundissem. Os integrantes do MUDD*Se demonstraram uma crescente afinidade pessoal pelos integrantes da ONG, manifestando satisfação em exercer atividades em conjunto com eles, já que reconheciam sua experiência de anos de militância como rica fonte de aprendizado. No entanto, a necessidade de constituir o MUDD*Se como grupo independente, foi uma preocupação colocada em diversos momentos.

Quanto a UFJF, por outro lado, a relação que prevalecia não era a de cumplicidade, mas de ressentimento. E em vários momentos os integrantes do

MUDD*Se acusaram a universidade de descaso em relação ao grupo. Ao falar sobre a possibilidade de o reitor da UFJF abrir a II Semana de Diversidade, uma das integrantes completa: “*Com um sorriso amarelo*”. Nesse sentido, fica claro que, na visão do grupo, o MUDD*Se não seria “bem-vindo” na UFJF.

IV.9) Eventos organizados pelo MUDD*Se

Comentarei brevemente acerca dos eventos promovidos pelo MUDD*Se, já citados anteriormente, observando especialmente como as demandas por direitos configuram-se nesses espaços. Como foi dito, o envolvimento do MUDD*Se com os diversos eventos LGBT ocorridos em Juiz de Fora é variável, havendo: (1) participação em eventos promovidos por outras instituições, como o Pré-Congresso e o Congresso da Anel, o pré-ENUDS e o ENUDS; (2) apoio à outras instituições na organização de eventos, como o 14º Rainbow fest; (3) eventos próprios, pensados e desenvolvidos inteiramente pelo MUDD*Se, podendo ter ou não apoio de outras instituições, como foi o caso do Dia de Combate à Homofobia, da I Conferência Municipal LGBT e da II Semana da Diversidade Sexual.

Nesse tópico, abordarei apenas os três eventos realizados pelo MUDD*Se e deixarei de lado aqueles que se enquadram em (1) e (2), no intuito de não estender demais o presente trabalho.²⁰ Os eventos promovidos pelo MUDD*Se em 2011 foram o dia do Combate à Homofobia, em 17 de maio; a I Conferência Municipal LGBT de Juiz de Fora, que ocorreu nos dias 15 e 16 de agosto; e a II Semana da Diversidade Sexual da UFJF, de 08 a 11 de novembro.

Durante o evento do dia 17 de maio pude perceber que as discussões acerca dos direitos LGBT enfrentam uma dificuldade muito parecida com a do movimento feminista: como reafirmar categorias, no campo do movimento social, na luta por direitos, quando se desconstrói essas mesmas categorias no plano teórico? Essa tensão apareceu marcada nas falas opostas entre participantes do evento, composto por militantes (do Movimento Gay de Minas), acadêmicos (professores e pesquisadores da área), e transexuais, quando falava-se em teoria queer:

“A idéia de teoria Queer é exatamente a fluidez das categorias. As categorias não são fixas. Hoje eu posso ser lésbica, mas amanhã posso querer dar pro Marquinhos”
(Gislaine, 17 de maio de 2011).

Diante disso, o homem a quem Gislaine se referia (Diretor do MGM), e que já tinha deixado clara a necessidade de reafirmar categorias para a conquista de direitos olha para ela com expressão de estranheza, dizendo: *“Th... Acho difícil.”* (Marco Trajano, Diretor do MGM, 17 de maio de 2011).

²⁰ Outros trabalho poderão trazer esses eventos com mais destaque.

Farei breves considerações acerca das propostas apresentadas no relatório final da I Conferência Municipal LGBT de Juiz de Fora, promovida pelo MUDD*Se. Analisarei brevemente as perspectivas dos sujeitos acerca das demandas circunscritas nos eixos temáticos, mencionando o aparecimento das mesmas questões em outros eventos promovidos pelo grupo (como no dia 17 de maio e durante a II Semana da Diversidade Sexual, organizada pelo MUDD*Se e ocorrida entre os dias 08 e 11 de novembro de 2011).

Eixo 01: A luta pela saúde da comunidade LGBT, em muitos momentos abordada de forma abstrata nos discursos dos atores, ganha contornos específicos durante os eventos e é tratada a partir da discussão acerca das mazelas que afligem a comunidade LGBT diariamente. A partir dessas discussões são formuladas medidas que poderiam minimizar a marginalização que esses grupos sofrem. Podemos perceber a partir das formulações feitas nos debates da I Conferência Municipal LGBT que a AIDS, assim como as doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) de modo geral, ainda preocupam de forma expressiva a população LGBT, como podemos ver no seguinte trecho do relatório final:

*“3) Ampliar as ações de testagem do HIV junto à população LGBT. (...); 7) Promover ações de controle às Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) entre a comunidade LGBT que atua como trabalhadores e trabalhadoras sexuais; 8) Facilitar o acesso a insumos e novas tecnologias de prevenção às DST, AIDS e hepatites virais.” (I CONFERÊNCIA MUNICIPAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA LÉSBICAS, GAYS, BISEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS – LGBT: Relatório Final: escrito por membros do MUDD*Se e do MGM, 23 de agosto de 2011)*

A formação dos profissionais de saúde, muitas vezes despreparados para acolher essa população, também se faz necessária, na ótica desses atores:

*“2) Oferecer curso de formação continuada aos profissionais de saúde sobre o acolhimento e atendimento às especificidades de cada subsegmento da comunidade LGBT.” (Item 2.1.2, meta na área de saúde do município: I CONFERÊNCIA MUNICIPAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA LÉSBICAS, GAYS, BISEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS – LGBT: Relatório Final: escrito por membros do MUDD*Se e do MGM, 23 de agosto de 2011)*

Diante disso, a criação de um segmento do sistema público de saúde que se dedique exclusivamente à população LGBT é proposto pelos delegados da I Conferência Municipal:

“4) *Criar um centro de atenção à saúde LGBT na estrutura municipal de saúde.*” (I CONFERÊNCIA MUNICIPAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA LÉSBICAS, GAYS, BISEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS – LGBT: Relatório Final: escrito por membros do MUDD*Se e do MGM, 23 de agosto de 2011: 4º ponto, âmbito municipal).

É interessante perceber que os participantes da Conferência concebem a comunidade LGBT como um grupo marcadamente heterogêneo, expressando inclusive a necessidade de um reconhecimento por parte dos profissionais de saúde dessas especificidades:

“2) *Oferecer curso de formação continuada aos profissionais de saúde sobre o acolhimento e atendimento às especificidades de cada subsegmento da comunidade LGBT.*” (I CONFERÊNCIA MUNICIPAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA LÉSBICAS, GAYS, BISEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS – LGBT: Relatório Final: escrito por membros do MUDD*Se e do MGM, 23 de agosto de 2011: 2º ponto, âmbito nacional).

A partir daí fica claro que, apesar de a “comunidade” LGBT promover lutas enquanto uma unidade em diversos momentos – coesão essa baseada na condição de “minorias sexuais” experimentada por todos os subgrupos –, ela é constituída por atores muito diversos. As diferenças entre as frações do grupo (LGBT) têm por base as especificidades de cada fração (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis e Transgêneros), elas mesmas passíveis de serem, em diversos momentos, subsumidas às diferenças existentes dentro de cada subgrupo (Lésbica Gentlemen, Lésbica Luis XV, Lésbica Stone, Lésbica Dyke)²¹, em subdivisões cada vez menores (Lésbica Dyke “não me toque”, Lésbica Dyke “Psico”, Lésbica Dyke “Fake”, etc.). Falarei acerca da multiplicidade de identidades produzidas no seio do movimento mais adiante. Agora, voltarei à Conferência, em seu II eixo.

²¹ Os diferentes tipos de lésbicas e gays foram descritos por uma integrante do grupo durante uma reunião e por outra integrante, pouco tempo depois. Confesso que não me recordo de todas as nomenclaturas (apesar de lembrar bem de algumas definições). No entanto, um ponto interessante a ser salientado é que, em ambos os casos a lista era extensa, mas acabava com “e tem as lésbicas normais também, que não pertencem a nenhum grupo específico, como é o meu caso”.

Eixo 02: No que diz respeito a formulação de políticas públicas LGBT que têm por foco a segurança pública (segundo eixo temático abordado durante a I Conferência Municipal), podemos perceber que a promoção do respeito dos profissionais de segurança pública à comunidade LGBT é destaque. Nesse campo, tal comunidade aparece como uma unidade coesa, ao contrário das propostas elaboradas com foco na saúde. Isso pode se dever à luta no campo da segurança estar ainda em um “estágio mais atrasado” do que a luta no campo da saúde. É claro que a luta por direitos das minorias é um tanto complexa e não pode ser resumida em uma escala evolutiva. No entanto, utilizo a expressão “estágio mais atrasado” na tentativa de demonstrar que a luta no que concerne à segurança pública ainda não apresentou conquistas como as percebidas na área da saúde, provavelmente devido à atenção dos médicos à comunidade LGBT ter sido redobrada a partir do surto da AIDS, nos anos 80. Não pretendo, portanto, dizer que os avanços no que concerne aos direitos LGBT no campo das políticas de segurança pública dar-se-ão nos mesmos moldes que nas políticas de saúde. Apenas pretendo deixar claro que as políticas de segurança ainda não aderiram à causa LGBT tanto quanto as de saúde.

Na área da saúde, onde há uma atenção por parte do poder público aos grupos que lutam pelo direito LGBT desde o final dos anos 80, a comunidade LGBT já experimenta alguma visibilidade. É isso que lhes permite a luta pelo reconhecimento de uma diversidade dentro dessa comunidade e, mais do que isso, uma atenção especial a cada uma dessas frações. Na área da segurança pública, por outro lado, a comunidade LGBT ainda relata casos de agressão e desrespeito por parte de funcionários²². Assim, derivada do não-reconhecimento por parte dos funcionários públicos desse setor, da cidadania dos membros da comunidade LGBT, a unidade reaparece na luta de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais que, vendo suas diferenças subsumidas ao comum rótulo de “minorias sexuais” [ou “aberração”], acabam por unir-se sob a sigla

²² Refiro-me aqui ao filme *Muito Prazer*, produzido pelo Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT da Universidade Federal de Minas Gerais, que retrata rapidamente a vida e o dia-a-dia de diversas travestis de Juiz de Fora. No dia 23 de julho de 2011, após os assuntos burocráticos da reunião terem sido discutidos, os membros reunidos comentaram acerca do filme. Duas mudd*seanas chamaram a atenção para a possibilidade de ver, no documentário, a influência da classe social e da raça na forma como o travesti se relaciona com o mundo. Segundo elas, fica clara a diferença entre trans brancas de classe média e trans negras e pobres, especialmente no que cada um dos grupos diz a respeito da polícia.

Enquanto as trans brancas de classe média dizem que a polícia é respeitosa e que “A polícia de Juiz de Fora é muito tranquila”, as pobres relatam casos de perseguição e desrespeito.

LGBT no intuito de ganhar força para penetrar uma esfera que ainda não abriu-se a discussão da causa em questão, discriminando à todos igualmente.

Eixo 03: As demandas da área de direitos civis foram discutidas durante a I Conferência Municipal no terceiro eixo temático “Direitos Civis e Comunidade LGBT”. Em relação aos direitos civis LGBT na esfera municipal, podemos perceber que há algum avanço na cidade de Juiz de Fora pela menção à lei 9791, lei municipal conhecida como Lei Rosa, que visa inibir as práticas discriminatórias por orientação sexual e identidade de gênero. Além de tocar a necessidade de ampliação da lei, os participantes da I Conferência Municipal LGBT de Juiz de Fora elegeram como causa que merece destaque o reconhecimento, pelo estado, do direito do transexual de mudar a razão social no sentido de colocar em consonância o nome do indivíduo e sua identidade de gênero:

“1) Reconhecer o nome social de transexuais e travestis nos órgãos públicos e privados; 2) Implementar de forma plena a lei municipal 9791 e divulgá-la; 3) Garantir o uso pleno dos benefícios, oferecidos por empresas públicas e privadas, para os casais homossexuais; 4) Ofertar apoio político e financeiro por parte do governo municipal aos eventos de visibilidade e afirmação de direitos LGBT; 5) Elaborar e implementar o plano de combate a homofobia e promoção da cidadania com recursos para dotação orçamentária e financeira; 6) Garantir a emissão de documentos e aprovação legal de mudança de nome para travestis e transexuais, não condicionadas à cirurgia.” (I CONFERÊNCIA MUNICIPAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA LÉSBICAS, GAYS, BISEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS – LGBT: Relatório Final: escrito por membros do MUDD*Se e do MGM, 23 de agosto de 2011: âmbito municipal)

Essa medida, na ótica dos participantes, parece ter importância fundamental para a manutenção da liberdade de vivência da sexualidade e da construção de identidade de gênero por parte de um subgrupo LGBT muito marginalizado, que apenas recentemente vem ganhando visibilidade dentro do movimento: os transexuais. Essa temática é muito abordada pelos mudd*seanos, como pode ser visto ao longo deste trabalho.

Eixo 04: Continuando ainda com a I Conferência Municipal de Políticas LGBT, tratarei agora do quarto eixo abordado durante o evento: educação.

“1) Ofertar cursos de capacitação na temática LGBT para os funcionários da Secretaria Municipal de Educação; (...) 4) Garantir o reconhecimento da identidade de gênero das pessoas transexuais dentro da comunidade escolar; (...) 6) Garantir a capacitação de professores e a elaboração de materiais didáticos que abordem a temática de gênero e orientação sexual dentro das escolas; (...) 9) Incluir parâmetros de discussão de orientação sexual junto às escolas privadas municipais através de reuniões periódicas com o poder público. (I Conferência Municipal De Políticas Públicas Para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis E Transexuais – LGBT: Relatório Final: escrito por membros do MUDD*Se e do MGM, 23 de agosto de 2011: âmbito municipal).”

É possível perceber que, no campo da educação, além da necessidade de instruir os funcionários públicos, os participantes da conferência destacam a necessidade de elaboração de materiais didáticos e a promoção de debates acerca do tema. Fica claro que a educação é, na ótica desses atores, uma ferramenta capaz de promover a inclusão da comunidade LGBT.

Eixo 05: As demandas acerca da homofobia institucionalizada, discutidas durante a I Conferência Municipal no eixo temático “Combate à Homofobia Institucionalizada”, levaram em conta principalmente o tratamento dado à comunidade LGBT pelos funcionários públicos:

“8) Realizar de um curso de capacitação para todos os funcionários públicos no atendimento à comunidade LGBT.” (I CONFERÊNCIA MUNICIPAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS – LGBT: Relatório Final: escrito por membros do MUDD*Se e do MGM, 23 de agosto de 2011: item oito do âmbito municipal e único item do âmbito nacional).

Além disso, a ampliação de meios institucionais de respeito à cidadania de membros da comunidade LGBT também foi pautado, deixando clara a necessidade de mobilização por parte do poder público na luta pelo respeito à população LGBT:

“2) Promover a criação dos Centros de Referência Estaduais em Cidades Pólo das nove macrorregiões do estado.” (I CONFERÊNCIA MUNICIPAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS – LGBT: Relatório Final: escrito por membros do MUDD*Se e do MGM, 23 de agosto de 2011, âmbito estadual)

O grupo também planejou a II Semana da Diversidade Sexual da UFJF que ocorreu de 08 a 11 de novembro. O evento foi aberto com uma mesa de transexualidade e, logo após a mesa, ocorreu o lançamento do livro de João Nery em um shopping da cidade de Juiz de Fora, onde também estava ocorrendo uma noite de autógrafos de um padre famoso nacionalmente. Além do trânsito congestionado, a coincidência desses dois eventos não trouxe prejuízos para o lançamento do livro. Pude perceber, no entanto, alguma hostilidade entre os mudd*seanos e o público do padre, como será relatado a seguir. No segundo dia do evento, o MUDD*Se contou com uma mesa sobre o Centro de Referência LGBT de Juiz de Fora e, depois, com a apresentação de trabalhos acadêmicos que estavam sendo desenvolvidos acerca da população LGBT. No terceiro dia às 16 horas houve uma apresentação dos integrantes do MUDD*Se, seguida da mesa de Religiosidade. Na sexta-feira aconteceu a mesa do Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA), a exibição do filme “Dzi Croquetes” e, por último, uma palestra sobre os direitos LGBT. Após essa última mesa, aconteceu a festa de encerramento, no estacionamento da Reitoria da UFJF. A festa ficou bastante movimentada e contou com amplo público gay. Uma transexual integrante do MGM que é bem próxima ao MUDD*Se ficou com a palavra e fez alguns discursos durante a noite. Em um deles, ficava clara a noção de que o movimento LGBT vem ganhando força e expandindo-se dentro da universidade:

“Esse evento, no ano passado foi lá em cima [apontando para o ICH antigo] naquele espaço pequenininho. Hoje tá sendo aqui, e no ano que vem vai ser ali ó [apontando para o maior local disponível para shows na UFJF]”
(Integrante do MGM, 11 de novembro de 2011.)

Em outro, ficou explícita a idéia de que o evento que estava acontecendo tinha como objetivo a inclusão:

“Esse evento é para aproveitar! Aproveitar e nos respeitar. Esse é um evento de inclusão. De inclusão de minorias. Não só LGBT, mas de todas as minorias. Negros, gays, lésbicas, deficientes. Todo mundo. Então vamos aproveitar.” (Integrante do MGM, 11 de novembro de 2011.)

IV. 10) MUDD*Se e a comunidade religiosa

Além do trânsito entre diferentes noções de viado, gay, lésbica, pontuarei rapidamente algumas tensões existentes entre membros de comunidades religiosas (especialmente da católica e da evangélica) com o MUDD*Se, porque pareceu significativo durante minhas observações de campo. O grupo tem membros ateus e crentes²³, alguns dos quais consideram-se religiosos e pertencem à determinadas religiões. No entanto, a militância pelos direitos homossexuais – e a própria homossexualidade em si – representam enorme tensão com grande parte das comunidades católica e evangélica.

Durante a Parada Gay de 2011, um homem aproximou-se de nós distribuindo um CD e um papel A4 com uma mensagem impressa. Achei muito interessante aquilo e resolvi ler a mensagem imaginando que se trataria de algum tipo de igreja inclusiva²⁴. No entanto, a mensagem era algo como: *“nunca é tarde para tentar a cura, nós perdoaremos seu vício, se você se esforçar!”* Poucos minutos depois encontrei outra integrante, que disse: *“Que raiva! Eu não vou a igreja dele dizer pra ele virar viado!”*.

Muito maior do que esse desgaste foi o ocorrido durante a I Conferência Municipal LGBT, na qual um homem teria aparecido e ficado discutindo, defendendo uma visão bastante conservadora. Sobre isso, uma das mudd*seanas disse: *“Eu olhava com cara de nojo pra cara dele mesmo. Tem coisa que eu não consigo disfarçar.”*. Outro membro complementa: *“Mas como todo mundo que falava ‘dava uma carcada’ nele, ele foi ficando ‘na dele’”*. Após ter ganhado a antipatia de muitos, o religioso teria dito que, na verdade, havia comparecido porque tinha curiosidade, para ver como era. Ao relatar isso para mim, uma das integrantes disse: *“Mentira! Foi pra ver se estávamos falando mal da igreja dele!”*.

Esse momento de stress fez com que os membros do MUDD*Se redobrassem o preparo para a mesa de Religião da II Semana da Diversidade: *“Religiosidade vai dar muito movimento, mas corremos risco de dar um tiro no pé. Corremos o risco de aquele cara da conferência encher um ônibus.”*, disse uma das

²³ Crente, no presente trabalho, significa “aquele que crê”. Ou seja, abarca a todos que possuem alguma crença.

²⁴ Grosso modo, é a igreja que aceita homossexuais.

integrantes. Em outro momento, pude ouvir, ainda sobre a mesa de religião: “*Estou com medo que isso vire uma romaria.*”. Ao que outro integrante responde: “*Não tem jeito. Acho que a gente tem que dar a cara a tapa!*”. Em muitos momentos eles frisaram que quem mediar a mesa de religião teria que ser alguém bem preparado: “*Tem que ter alguém com sangue de barata [para mediar a mesa de religião] porque se der barraco é feio.*”.

Estive presente nos debates da mesa de Religião da II Semana, que contou com pesquisadores da área além de um representante de uma Igreja Inclusiva. As falas foram ótimas e não houveram problemas, ao menos perceptíveis a espectadores. De qualquer forma, o temor dos integrantes do grupo é suficiente para percebermos que existe um conflito em estado de latência, que irrompe eventualmente entre o movimento LGBT e as comunidades religiosas.

Além da mesa sobre religião, presenciei um rápido atrito entre uma integrante do mudd*se e o público religioso que estava presente no shopping no mesmo dia do lançamento do livro de João Nery. Quando chegamos, o shopping estava extremamente lotado e os seguranças restringiam a entrada de pessoas que iam ver o padre. Essas pessoas lotavam os arredores do shopping em filas, esperando uma oportunidade para ver o religioso. Ao conversar com o segurança, no entanto, explicamos que estávamos indo para outro evento, em andar diferente. Diante disso, o segurança apontou o caminho para um elevador, no qual poderíamos subir. Vendo que tínhamos achado um caminho livre para entrar no shopping, outras pessoas vieram em nossa direção, querendo pegar também o tal elevador, provavelmente imaginando que estávamos indo ver o padre. Diante disso, uma das mudd*seanas explica, em voz bem alta, já que o interlocutor não estava claramente determinado:

“Aqui é transexual, viu, gente? Não é padre, não. Aqui ninguém tá indo ver padre não. Aqui é quem vai ver transexual, aqui não tem padre.” [Algumas pessoas então, começam a voltar, afastando-se do elevador, e a integrante continuou]: *“Mas se quiserem vir, podem vir. Garanto que vai ser muito mais legal.”*

Fora esse rápido episódio, que poderia ter passado despercebido, não presenciei atritos entre o público LGBT (que era bem pequeno) e o público do padre.

IV. 11) MUDD*Se: nem esquerda, nem direita

Além das relações com ONGs, com a comunidade acadêmica, com comunidades religiosas, que perpassam o dia-a-dia do MUDD*Se, vale salientar os conflitos com partidos, ou, mais especificamente, com a necessidade de reafirmar o MUDD*Se enquanto apartidário, recorrente em diversas reuniões. Primeiramente, cabe salientar a forte participação dos partidos de esquerda nas diferentes gestões do DCE da UFJF, já apontada por Maria Fernanda Teixeira dos Santos (2011). Dentro da universidade, podemos perceber também a presença da UNE – União Nacional dos Estudantes. A UNE e os partidos de esquerda – em especial PT e PSTU – formam uma bipolarização partidária no âmbito da Universidade que, apesar de não perpassar diretamente a gestão atual do DCE, composto unicamente pela esquerda, está presente na universidade. Assim, cabe salientar que, em muitos momentos, o MUDD*Se encontrou-se em conflito aberto, de modo que seus membros sentiam-se constantemente pressionados para aderir a um dos dois polos: *“Há uma rivalidade entre ANEL e UNE mas não queremos entrar no meio. Podemos ter apoio dos dois”* (Integrante do MUDD*Se na reunião do dia 24 de maio de 2011.)

É interessante observar que, nesse ponto, o MUDD*Se diferencia-se profundamente do movimento estudantil “tradicional” (refiro-me aqui ao Diretório Central dos Estudantes – DCE). Segundo Maria Fernanda Teixeira dos Santos (2011): *“as orientações partidárias são estruturantes na lógica de funcionamento do movimento estudantil e, (...) os grupos observados identificavam-se, uns aos outros, como suas filiações partidárias”* (SANTOS, 2011).

Pude perceber que o MUDD*Se está constituído de maneira muito diversa do DCE, onde questões de gênero são secundárias e partidos políticos, essenciais (SANTOS, 2011). Isso se deve provavelmente ao fato de que o MUDD*Se foi criado fora do seio de partidos políticos, a partir um evento (Educação sem Homofobia) que tinha um foco bem específico (combate ao preconceito contra os homossexuais). A união dos criadores do MUDD*Se ocorreu a partir desse enfoque, de modo que existem

orientações políticas diversas dentro do grupo, que não é encarado como um local para escolha (nem debate) entre direita e esquerda²⁵.

²⁵ Seria mais correto dizer entre centro e esquerda, ou entre social democracia e diferentes facções da esquerda, mas utilizo os termos apenas para demonstrar que, por paradoxal que pareça, o MUDD*Se não é local para discutir política. Ao menos não além de uma premissa que parece básica para cada um dos integrantes: os homossexuais precisam conquistar direitos. De fato, para além disso, se evita abertamente uma partidarização.

V) Considerações Finais

Pudemos perceber, através dos relatos, que algumas questões apontadas pela literatura se confirmam. A vida, apresentada em dualidades, e a impossibilidade de pensarmos novas relações – para além de simples inversões da heteronorma – faz-se presente. Em diversos momentos, pude observar os mudd*seanos incorrendo em concepções estereotipadas das noções “mulher”, “homem”, “gay”, “lésbica”, etc, apesar de o discurso que fundamenta esse movimento trazer uma idéia mais fluída dessas categorias. Pude observar durante a pesquisa algo há muito compreendido na academia: a dificuldade de viver identidades de gênero fluidas.

A inserção em meio acadêmico facilita debates e reflexões mas não faz – e eu acredito que nem poderia fazer – com que os mudd*seanos estejam imunes às dificuldades na construção de uma sexualidade realmente mais democrática e menos excludente, visto que as relações e posições sociais são cosntruídas a partir desses marcadores de gênero, classe, geração, orientação política, etc.

França (2006) demonstra que é nos locais em que a comunidade LGBT ganha visibilidade que se manifestam as hierarquias sexuais existentes dentro do movimento. Hierarquias sexuais podem ser visualizadas dentro do MUDD*Se, seja na tentativa de desconstrução dessas hierarquias, seja em sua reificação. Importa lembrar que a tentativa de reestruturar relações hierárquicas dos papéis ligados ao sexo cria, necessariamente, outras hierarquias (França, 2006), o que não significa e que tais categorias não operem nas políticas de combate à homofobia.

Bibliografia

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero – Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010

_____. O parentesco é sempre tido como heterossexual?. Cadernos Pagu (21) 2003: pp.219-260, disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n21/n21a10.pdf>, acessado em 14/10/2011

DE LAURETIS: Compreendendo Sexo e Gênero, 1986; HARAWAY, Donna: "A manifesto for Cyborgs: science, technology and socialist feminism in the 1980s", IN Socialist Review (15). 1985.

DEBERT, Guita Grin. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. Horiz. antropol. [online]. 2010, vol.16, n.34, pp. 49-70. ISSN 0104-7183.

FACCHINI, Regina. Sopa de letrinhas: Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90: um estudo a partir da cidade de São Paulo. Tese de doutoramento apresentada à banca em Junho de 2002.

FOUCAULT, Michael. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1996.

FOUCAULT, Michael. História da Sexualidade I: A Vontade de Saber. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1997.

FRANÇA, Isadora Lins. Cercas e pontes: O movimento GLBT e o mercado GLS em São Paulo. Dissertação de Mestrado apresentada a banca em Março de 2006.

GEERTZ, Clifford. O Saber Local. Petrópolis: Vozes, 1997.

HEILBORN, Maria Luiza. Dois é par: Gênero e identidade sexual em contexto igualitário. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HEILBORN, Maria Luiza. Capítulo. In: VELHO, Gilberto; DUARTE, Luiz Fernando (Orgs.). Gerações, família, sexualidade. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2009.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Homo eroticus. Jornal Edição experimental, número zero, abril de 1978. Site do Grupo Dignidade. Acessado em 16 de julho de 2011. <http://www.grupodignidade.org.br/cedoc/lampiao/01%20-%20LAMPIAO%20EDICAO%2000%20-%20ABRIL%201978.pdf>

MACRAE, Edward. Os respeitáveis militantes e as bichas loucas. In: EULÁLIO, Alexandre et al. Caminhos Cruzados. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982.

_____. O militante homossexual no Brasil da “abertura”. 1985, Tese (Doutorado em Antropologia – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas). São Paulo: USP.

MEAD, Margareth. Sexo e temperamento. São Paulo: Editora Perspectiva, 1969 [1935].

MOORE, Henrietta. Compreendendo sexo e gênero. Disponível em: <<http://xa.yimg.com/kq/groups/9985921/1601430921/name/Moore.pdf>>. Do original em inglês: “Understanding sex and gender”, in Tim Ingold (ed.), Companion Encyclopedia of Anthropology. Londres, Routledge, 1997, p. 813-830. Tradução de Júlio Assis Simões.

SANTOS, Maria Fernanda Teixeira dos. Mulheres no movimento estudantil: representações, discursos e identidades. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Humanas, UFJF, Juiz de Fora.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Porto Alegre: Educação e Realidade, 16(2): p.5-22, jul-dez 1990.

SILVA, Cristina Luci Câmara da. Triângulo Rosa: a busca pela cidadania dos homossexuais. 1993. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, UFRJ, Rio de Janeiro.